

O conhecimento geográfico no mundo Muçulmano na baixa idade média com enfoque nos trabalhos de Al-Idrisi, Ibn Battuta e Ibn Khaldun

El conocimiento geográfico en el mundo musulmán en la baja edad media, con enfoque en los trabajos de Al-Idrisi, Ibn Battuta e Ibn Khaldun

Gabriel Benedito Oliveira de Sá Santos 

Mestre em Geografia

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

pg405159@uem.br

Adélia Aparecida de Souza Haracenko 

Doutora em Geografia

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

aasharacenko@uem.br

Victor Manoel da Silva Carvalho Sipol 

Licenciado em Geografia

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

sipolvictor@gmail.com

Resumo

Este texto tem como objetivo abordar aspectos do conhecimento geográfico desenvolvido no período da baixa Idade Média (séculos XI-XV) no mundo muçulmano focado nos trabalhos de Al-Idrisi (1100 - 1165), Ibn Battuta (1304 - 1368) e Ibn Khaldun (1332 - 1406). Também aborda o papel que o Islamismo teve nesse processo. Igualmente, em termos de questão, possui uma proposta didática de trazer para a discussão feita na história do pensamento geográfico a diversidade de horizontes, e nela, a contribuição de conhecimentos geográficos outros, que não seja somente o europeu. Esta é uma discussão necessária que alimenta a justificativa da pesquisa. Sendo uma pesquisa teórica, a metodologia utilizada foi baseada em leituras dos trabalhos dos estudiosos da investigação, como também, de fontes secundárias, compilação de textos de outros autores que também estudaram essa temática. A pesquisa assume uma metodologia histórica, cujo método histórico e lógico é constituído por um sistema de procedimentos e técnicas utilizados para revelar os



<https://doi.org/10.28998/contegeo.11i.25.20214>

Artigo publicado sob a [Licença Creative Commons 4.0](#)

Submetido em: 29/10/2025

Aceito em: 21/01/2026

Publicado: 23/02/2026

e-Location: 20214

fatos do passado e construir a historiografia de um determinado período. Com isso, esperamos que esse texto desperte curiosidade dos geógrafos e geógrafas para que novas pesquisas em Geografia sobre o conhecimento geográfico advindo do mundo muçulmano possam ser desenvolvidas.

Palavras-chave: Conhecimento Geográfico; Mundo Muçulmano; Baixa Idade Média.

Resumen

Este texto tiene como objetivo abordar aspectos del conocimiento geográfico desarrollado durante la Baja Edad Media (siglos XI-XV) en el mundo musulmán, centrándose en los trabajos de Al-Idrisi (1100-1165), Ibn Battuta (1304-1368) e Ibn Jaldún (1332-1406). También aborda el papel del Islam en este proceso. De igual manera, en términos de cuestión, tiene una propuesta didáctica para llevar a la discusión hecha en la historia del pensamiento geográfico la diversidad de horizontes y, en ella, la contribución de saberes distintos del europeo. Esta es una discusión necesaria que alimenta la justificación de la investigación. Al ser una investigación teórica, la metodología utilizada se basó en lecturas de las obras de los estudiosos del tema, así como, en fuentes secundarias y en una recopilación de textos de otros autores que también han abordado esta temática. La investigación adopta una metodología histórica, cuyo método histórico-lógico consiste en un sistema de procedimientos y técnicas para revelar los hechos del pasado y construir la historiografía de un período determinado. Se espera que este texto despierte la curiosidad de los geógrafos y fomente nuevas investigaciones sobre el conocimiento geográfico originado en el mundo musulmán.

Palabras clave: Conocimiento Geográfico; Mundo Musulmán; Baja Edad Media.

INTRODUÇÃO

Os árabes dispunham, como todos os povos nômades, de uma rica tradição de observação do meio, de conhecimento dos lugares e da orientação.

Paul Claval, 2006.

O presente texto tem como objetivo mostrar aspectos das contribuições para conhecimento geográfico advindos do mundo muçulmano em um contexto do medievo presente nos estudos de três pensadores muçulmanos sendo eles: Al-Idrisi (1100 - 1165); Ibn Battuta (1304 - 1368) e Ibn Khaldun (1332 - 1406). O recorte espacial é a configuração territorial que abarca o mundo muçulmano, já o temporal é aquele que a historiografia aponta como baixa Idade Média, que vai do século XI ao XV. Por se tratar de uma pesquisa teórica, a metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa foi baseada em leituras dos trabalhos traduzidos dos estudiosos centro de nossa investigação, bem como, de fontes secundárias, ou seja, textos de outros autores

que também escreveram a respeito dessa temática. Sendo assim, a pesquisa assume uma metodologia histórica, na qual utilizamos o método histórico e lógico, que é constituído por um sistema de procedimentos e técnicas utilizados para revelar os fatos do passado e construir a historiografia de um determinado período, com base no estudo de fontes orais, arqueológicas, escritas etc. Desta maneira, o método histórico e lógico:

posibilita sintetizar en conceptos y categorías el desarrollo de los hechos en realidad [...]. Parte del hecho de que todo objeto, por una parte, surgió en un momento determinado bajo ciertas condiciones históricas y, por otra parte, sigue un curso ordenado de desarrollo que culmina con su desaparición. El método histórico presupone el estudio detallado de todo lo acaecido, causas y condiciones históricas en que surgió y se desarrolló un objeto o proceso determinado. El método lógico es, pues, la investigación de lo general de lo que se repite en el desarrollo del objeto y despoja a su historia de todos aquellos elementos secundarios, superficiales e irrelevantes. (RODRÍGUEZ; BARRIOS; FUENTES, 1984, p. 27-32).

Essa metodologia combina o estudo de fatos históricos com o raciocínio lógico para analisar as causas e as consequências de eventos passados. “La dialéctica de lo histórico y lo lógico expresa un aspecto esencial de la lógica dialéctica, la cual descubre las leyes generales del conocimiento de los procesos objetivos de desarrollo”. (FROLOV, 1984, p. 211-212). Portanto, descrever aspectos da vida desses pensadores e de suas contribuições ao conhecimento geográfico mediante as compilações dos estudiosos que tem se dedicado ao estudo deles, significa buscar elementos radicais do conhecimento geográfico, o que no horizonte desse mesmo conhecimento conformar-se-ia na ciência geográfica moderna.

Vale também salientar que trabalhamos numa perspectiva de proposta didática - amalgamada com o objetivo - que traga para o debate feito na história contada do pensamento geográfico contemporâneo, a contribuição de conhecimentos geográficos outros, que não seja somente o europeu. Tendo como apontam Lopes e Marandola Junior (2021, p. 1), “a oportunidade de se conhecer o não hegemônico”, e nela a diversidade de horizontes geográficos que se aglutinam em uma totalidade geográfica advindas de outras partes do mundo. Debate importante, sobretudo, porque ao tratarmos da história da geografia - nas disciplinas ensinadas nas graduações - quase sempre nos restringimos apenas à visão europeia na configuração da ciência geográfica. Evidentemente, que isto se reflete devido a vários fatores que vão desde os tempos das cargas horárias das disciplinas de História do

Pensamento Geográfico ministradas até ao desconhecimento de pensamentos geográficos outros fora da Europa. Embora, esteja tratando de conhecimentos que se perderam historicamente, os quais ultrapassavam em muito, aos que sua geração recebeu, Ibn Khaldun (1958, p. 94), no seu tempo, refletiu sobre questões que na contemporaneidade, nos serve também para pensarmos sobre o conhecimento geográfico de tantos outros povos.

Pergunto: “Onde estão as ciências dos Persas, cujos escritos, na época da Conquista, foram destruídos por ordem do Califa Omar? Que foi feito das ciências dos Caldeus, dos Assírios, dos habitantes da Babilônia? Onde estão os resultados e os vestígios deixados pelas ciências entre estes povos? Onde estão a brilhante cultura dos Coptas e outras gerações de eras mais remotas? Há uma única nação, a dos Gregos, cujas produções científicas estão em nosso poder, e isto, graças ao empenho d’Al-Mamum, que os mandou traduzir do idioma original (para o árabe). Este príncipe pôde levar a cabo semelhante proeza porque encontrou grande número de tradutores e gastou muito dinheiro. Quanto aos outros povos, nada conhecemos de suas ciências.

Em termos de questão, vale salientar que o discurso eurocentrista - sobre o conhecimento científico - se tornou hegemônico entre diferentes povos de diferentes culturas, causando certo ofuscamento de outras formas de desenvolvimento do conhecimento realizadas em outras partes do mundo. Em termos de exemplo temos o caso da Geografia, que é tratada e perpetuada a partir de uma visão dominante eurocêntrica. Isso é perceptível ao trazermos para o cenário brasileiro quando observarmos a influência da Geografia francesa na brasileira. Dito isto, não significa dizer que estudos geográficos de influência europeia devam ser desconsiderados. O ponto em questão, é também a valorização de outras formas de pesquisas elaboradas fora do centro europeu.

Dessa forma, no caso brasileiro, em termos de investigação da história do conhecimento geográfico, acaba por haver uma busca de outras perspectivas desenvolvidas em outras partes do mundo, bem inferior em detrimento da quantidade de pesquisas que se constrói voltadas para o mundo europeu. Isso se aplica também à pesquisa sobre o conhecimento da Geografia Muçulmana, cuja produção científica sobre o assunto é ainda parca no Brasil. Daí a importância - como uma forma de justificativa da escrita deste ensaio - de jogarmos luzes nas contribuições para a Geografia dos pensadores aqui focados. Nesse sentido, corroboramos com Brandão (2018, p. 9), quando diz:

No Brasil, por exemplo, apenas umas poucas obras que tratam da historiografia da ciência geográfica dedicam algumas escassas linhas para citar os feitos dos sábios islamitas que difundiram os saberes da Geografia ao longo da Idade Média [...] ainda que em evidente desproporcionalidade em relação ao estudo do Ocidente no mesmo período.

Dito isto, apresentamos trabalhos que abrem cortinas para termos diferentes olhares perante a predominância do discurso hegemônico sobre o conhecimento geográfico, reconhecendo igualitariamente as contribuições deixadas pelos pensadores muçulmanos para a ciência geográfica, pois como afirma Brandão (2018, p. 9):

Em todo o Ocidente, é absolutamente comum que, nos estudos dedicados ao exame historiográfico da ciência geográfica no transcorrer da Idade Média, as contribuições legadas pelos geógrafos islâmicos sejam subestimadas ou mesmo negadas. Seja por uma herança eurocêntrica, que valoriza os feitos dos estudiosos da Geografia que atuaram sob a incontornável influência da Igreja medieval, ou pela falta de interesse quanto às realizações de grandes sábios como Al-Idrisi, Ibn Batutta ou Ibn Khaldun (para exemplificar apenas com alguns dos mais renomados), o fato é que há um lapso de conhecimento que deve ser preenchido pelos atuais estudiosos da história da Geografia.

Dito isto, nos tópicos seguintes procuramos apontar apenas aspectos dessas contribuições, já que um tema tão rico, é impossível de ser abarcado em poucas páginas. Oxalá, esperamos que tais linhas despertem curiosidades e novas pesquisas em Geografia sobre o conhecimento geográfico no mundo muçulmano.

O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NO MUNDO MUÇULMANO NO CONTEXTO DA BAIXA IDADE MÉDIA

Na forma de conhecimento definida como ciência - a qual é fruto do desenvolvimento experimental da sociedade - não cabe a esta forma, o papel de um corpo estático, que não evolui no decorrer do tempo e do espaço. À sociedade cabe a função de gerir, por meio de seu aspecto intelectual, a ciência, e a esta, a função de aprimorar os saberes adquiridos. No contexto temporal que estamos abordando - séculos XI ao XV - vemos que em termos de ciência, a muçulmana possui forte influência dos pensadores gregos, como Homero, Aristóteles, Ptolomeu, Eratóstenes e Estrabão. Sendo assim:

Há dois aspectos na ciência islâmica: de um lado, as idéias científicas que foram importadas do estrangeiro e, de outro, a contribuição dos próprios árabes ao conjunto dos acontecimentos científicos: Esta última, a contribuição dos árabes, tem sido muitas vezes negligenciada em favor dos avanços mais estimulantes que iriam aparecer na Europa ocidental a partir

do século XVI. A ciência na Arábia tem sido encarada com muita frequência como uma simples operação de manutenção. A região árabe tem sido considerada como um grande depósito destinado a armazenar resultados científicos, que seriam conservados até que fossem requisitados para uso no Ocidente. Mas, naturalmente, trata-se de uma deturpação da verdade. Certamente os árabes herdaram a ciência grega - e também algo da ciência indiana e chinesa -, e, mais tarde, passaram-na para o Ocidente. Mas o papel deles não ficou restrito a essa função. Interpretaram a herança, comentaram-na e adicionaram análises valiosas de seu conteúdo; e, acima de tudo, contribuíram significativamente com suas observações. Na verdade, a Arábia produziu algumas mentes científicas originais; educou-as e encorajou-as a darem suas próprias contribuições. Assim, quando pensamos na dívida do Ocidente para com a cultura árabe, é importante apreciar ambos os aspectos - tanto o trabalho original quanto as idéias transmitidas em uma época anterior. (RONAN, 1987, p. 83).

Vale destacar que Ronan (1987), no excerto acima, aborda sobre a ciência árabe. Todavia, esse mesmo autor (p. 81), salienta que: “A história da ciência na Arábia é, em grande parte, a história da ciência no mundo muçulmano”. Como, nossa proposta é discutir sobre a ciência no mundo muçulmano, é importante um esclarecimento sobre o uso dos termos “árabe”, “islâmico” e “muçulmano”. Nesse sentido, Attie Filho (2002, p. 14), citado por Brandão (2018, p. 9), nos esclarece dizendo que:

Apesar de muitas vezes serem tomados um pelo outro, esses três termos não são sinônimos. Certamente, podem ter mais de um sentido dependendo do modo como são empregados, mas, geralmente, os encontramos utilizados a partir de uma distinção básica: o termo “árabe” geralmente é utilizado no sentido da língua, da cultura, da política ou da etnia e não no sentido religioso; o termo “islâmico” guarda o caráter da religião, mas também do Estado ou da cultura e não da etnia; o termo “muçulmano” aplica-se às pessoas adeptas à religião islâmica, mas que não são, necessariamente, árabes.

Igualmente, corroboramos com Brandão (2018, p. 10), que em suas palavras atende ao nosso propósito do uso dos termos, quando diz:

Deste modo, a defesa do termo “mundo islâmico medieval” em detrimento de “mundo árabe medieval”, sobejamente utilizado em estudos outros, está no alcance do significado dos termos “islâmico”, que melhor designa a grande e diversa comunidade criada sob os desígnios de uma tradição religiosa e cultural, e “árabe”, que, diz respeito, em sua origem, a uma etnia, sendo este último, portanto, mais restrito que o anterior.

Dito isto, no que diz respeito à produção científica no mundo muçulmano, é importante ressaltarmos o papel desempenhado pelo Califado Abássida (750-1258), que tinha também como foco a busca do conhecimento. Califado pode ser definido como uma área ou território governado por um Califa, figura essa que combinava poderes tanto religiosos quanto políticos. Era uma forma de governo teocrático, tendo

o Islã como sua principal religião. Os Abássidas foram uma das dinastias que governou o Império Árabe do século VIII ao XIII, os quais possuíam um grande foco na produção científica, filosófica e cultural.

Segundo Bissio (2013, p. 35), “o califa abássida Harun al-Rashid (786 - 809 [período do seu governo]) incentivou uma grande produção cultural, movimento ampliado pelo seu filho al-Mamun (813 - 833 [período do seu governo])”. Dessa maneira Bagdá, a capital do respectivo califado, tornou-se também o centro do desenvolvimento de pesquisas. Nesse contexto, surge a Casa da Sabedoria - fundada no século VIII e atingiu seu auge entre os séculos IX e XIII - que se caracterizava como um enorme projeto de cunho intelectual, elaborado pelo governo vigente, que transformaria o território de seu domínio de modo a atribuir influências “sobre o futuro do Islã, como um todo, e sobre a comunidade científica e cultural em geral”. (AMORIM FILHO, 2018, p. 128).

Tendo em vista esse retrato, o cenário científico e cultural do mundo muçulmano, sob o domínio islâmico tem uma nova face, favorecendo fortemente o desenvolvimento de muitas cidades de seu território. Portanto, no que concerne a ciência muçulmana em meados da baixa Idade Média, observa-se um fenômeno que a posiciona em um patamar de desenvolvimento superior às ciências de outros povos, e além disso, promove uma série de avanços em diversos campos do conhecimento. Neste sentido, Huff (2007, p. 48), citado por Gauz e Pinheiro (2010, p. 10), destaca: “Do século XIII até o final do XIV, a Ciência árabe era, provavelmente, a mais desenvolvida no mundo [...]. Em cada campo do [conhecimento] - Astronomia, Alquimia, Matemática, Medicina, Ótica, etc. - cientistas árabes se encontravam na vanguarda dos avanços científicos”.

Dentre as principais contribuições intelectuais que serviram como motores propulsores no avanço dessa sociedade cabe mencionar: Astronomia, Matemática e etc. No século XII floresceu os trabalhos do matemático e astrônomo Charaf al-Din al-Tusi (1135 - 1213), sendo um dos principais a invenção do astrolábio linear - objeto usado para fazer medidas angulares - (RONAN, 1987, p. 102). Na Matemática, Al-Biruni (973-1048), de acordo com Cunha e Sant’Anna (2021, p. 6), foi “quem primeiramente especificou a esfericidade terrestre, onde a Terra seria um globo com reentrâncias e depressões onde encontraríamos os oceanos, mares montanhas. Mostra ainda a sua análise acerca da gravidade, dos corpos celestes e de suas movimentações e trânsitos, além de seu estudo e observação sobre a luz e sombra.

No campo da Medicina também houve bastante progresso, sendo um dos principais feitos realizado por Ibn al-Nafis (1213-1288), médico nascido próximo a Damasco que elaborou vários textos tratando sobre procedimentos cirúrgicos e pós-cirúrgicos. No entanto tornou-se mais conhecido, conforme pontuou Ronan (1987, p. 126), por conta de “sua descoberta da pequena circulação do sangue, isto é, a circulação entre o coração e os pulmões”, derrubando dessa maneira as concepções que Cláudio Galeno - notório médico que nasceu em Pérgamo, viveu entre 129-216 e desenvolveu seus estudos na área da Anatomia, buscando compreender a configuração interna e as funções dos órgãos - havia desenvolvido, na qual acreditava que a circulação “atravessava o coração de um lado para outro”. (RONAN, 1987, p. 126).

Nesse contexto, o conhecimento geográfico não passaria incólume por todo esse desenvolvimento, sendo que o avanço de tal conhecimento realizado pelos muçulmanos deve-se pelo conjunto de obras, com cunho geográfico, estudadas por eles. Em relação ao conhecimento geográfico podemos observar as inúmeras contribuições de sábios que não mediram esforços para o desenvolvimento do que entendemos hoje, como Geografia. É válido aclarar que a busca desse conhecimento não ocorria somente pelo prazer de se obter a sua compreensão, mas, porque no período de apogeu do Califado Abássida, era preciso compreendê-lo geograficamente para administrá-lo de forma mais eficaz, assim como, para protegê-lo. Foi exatamente nesse mesmo califado que o conhecimento geográfico passa a ser mais aprofundado. Ronan (1987, p. 112), declara que:

Mas nenhuma geografia científica organizada parece ter começado antes do início do século IX, no tempo de Al-Ma'mun e do estabelecimento da Casa da Sabedoria em Bagdá. Nela Al-Farghani tornou conhecida no mundo árabe a Geografia de Ptolomeu, enquanto Al-Khwarizmi escreveu seu Livro da forma da Terra”. Este último era, principalmente, uma relação de latitudes e longitudes de lugares que incluíam as velhas climatas gregas, sete faixas de latitude, em cada uma as quais se supunha que os lugares tivessem a mesma duração de luz diurna em seu dia mais longo. O mapa de Al-Khwarizmi diferia substancialmente do mapa do mundo de Ptolomeu no que se refere a alguns lugares, devido, talvez, ao uso de diferentes longitudes e latitudes, coligidas na Casa da Sabedoria.

Portanto, é a partir da criação da Casa da Sabedoria, com as pesquisas que ali eram desenvolvidas, que o conhecimento geográfico foi melhor organizado e trabalhado se comparado com o que era elaborado anteriormente. É claro que os muçulmanos já dispunham da noção geográfica, mas é a partir dessa estruturação e maior ebulição

dos estudos que a busca por este conhecimento se intensifica. Neste sentido Claval (2006, p. 32), salienta:

Os Árabes dispunham, como todos os povos nômadas, de uma rica tradição de observação do meio, de conhecimento dos lugares e da orientação, mas era exclusivamente oral. Ignoravam a ciência e a filosofia. Após a Conquista, o seu poder é exercido no Próximo e no Médio Oriente sobre as populações dominadas por elites urbanizadas de origem bizantina ou síria. Descobrem, através destas, a riqueza do pensamento grego. As traduções multiplicam-se em Bagdad, no actual Iraque, sob o califado abássida, nos séculos VIII e IX. A geografia árabe desenvolve-se verdadeiramente de 800 a 1050; o uso do árabe é então comum mesmo entre os autores provenientes da Pérsia ou da Ásia Central.

Quando em contato com os muçulmanos - já próximo do recorte temporal aqui abordado - o conhecimento geográfico grego percorreu um caminho de traduções para o idioma árabe, o qual fez desse momento, palco de contribuições, questionamentos e construção de novos saberes. Assim, Brandão (2018, p. 12) diz que “deve-se considerar o trabalho de tradução de manuscritos para o árabe, sucedido por detidos estudos sobre o tema ali versado para, adiante, proceder todo um desdobramento de tais saberes através da formulação de conhecimento novo”, agora nas mãos dos eruditos muçulmanos. Estes, avistando os escritos de Ptolomeu e Aristóteles - pensadores que foram figuras imponentes no pensamento árabe no século IX - projetaram diversas contribuições para o avanço de seus conhecimentos. Desse modo, os muçulmanos “entram em contato com a herança do conhecimento geográfico grego principalmente através dos escritos de Ptolomeu e Aristóteles [...] desencadeando entre os sábios do Islã um notável processo de assimilação cultural do legado greco-romano”. (BARROS, 2020, p. 37).

Al-Masudi (896 - 956), fazendo o uso cartográfico de Ptolomeu e apoiando-se em conhecimentos obtidos em território muçulmano, lança questionamentos sobre este trabalho desenvolvido por esse grego. Durante o século X, Al-Masudi foi posto como o mais notável geógrafo do mundo muçulmano e, segundo Barros (2020, p. 39):

Com base no conhecimento que os comerciantes e viajantes árabes vinham adquirindo sobre a costa leste do continente africano, Al Masudi lançou dúvidas sobre a antiga corografia e cartografia de Ptolomeu, na qual a África apontava para o oriente e era ligada ao Sudeste Asiático. Entretanto, estas considerações cartográficas mais realistas sobre a África permaneciam ainda no campo do não demonstrável.

Por influência dos gregos e pelos trabalhos astronômicos muçulmanos, esses últimos conseguem desenvolver ainda mais seu conhecimento, na qual cabe a geografia muçulmana o papel de desempenhar uma funcionalidade principalmente

focada na cartografia. Assim expressa Claval (2006, p. 33): “A cartografia celeste é a primeira a desenvolver-se, seguindo-se a cartografia terrestre”. Com isso, a cartografia não escapa ilesa dessas transformações, afinal, a que transmitida por Ptolomeu aos muçulmanos, aperfeiçoa-se através das inovadoras técnicas utilizadas. Outro importante pensador dentro desse campo foi Al-Biruni (973-1048), que fez alguns progressos dentro da Cartografia, aliando seus estudos de cunho geográfico com sua sapiência na área da Astronomia. (CLAVALL, 2006).

Diante disto, as razões pelas quais os muçulmanos imprimiram até o término da baixa Idade Média consideráveis manuscritos, são: a busca por conhecimentos que se resumem em uma potencialidade que assegurou um espaço de concentração de conhecimento - que embora atrelado a antigos saberes gregos - fortificou a construção de novos conhecimentos especificamente muçulmanos, bem como, a contribuição dos intelectuais em prol da difusão do Islamismo, que asseguraria também a expansão da cultura muçulmana. Desse modo, construindo uma ponte entre a ciência antiga e o que viria a ser a ciência moderna.

Aspectos da influência do Islamismo e das viagens na busca pelo conhecimento

A religião Islâmica foi de extrema importância para o desenvolvimento da sociedade do mundo muçulmano, podendo ser reconhecida como um dos principais catalisadores que impulsionou o crescimento da mesma. (GIORDANI, 1976). Historicamente dentro do Islã, os deslocamentos possuem primeiramente um teor religioso, como uma forma dos muçulmanos expressarem sua devoção a Deus. Isso fica evidente nos fundamentos do Islamismo, que são regras as quais os adeptos dessa religião devem seguir. Essas obrigações são comumente conhecidas como os cinco pilares ou colunas do Islã, sendo: “a profissão da fé; a oração; a esmola; o jejum e a peregrinação a Meca”. (GIORDANI, 1976, p.39). Todavia:

O termo esmola não é correto. A palavra correta é zakat. Não existe uma tradução correta para o termo, muitos traduzem erroneamente como: esmola, caridade, dizimo, etc. O termo zakat é um pilar obrigatório a todo muçulmano que alcançar uma certa quantia em seus bens, aproximadamente 85 gramas de ouro ou 580 gramas prata, durante o período de um ano. Se a pessoa se encaixar em tais condições deve extrair 2,5 por cento dos seus bens que estiveram parados durante o período de um ano e destinar aos pobres, necessitados, estudantes do conhecimento, etc. Ele também pode ser extraído se a pessoas tiver certa quantidade de gado, ou caprinos ou camelos. Também pode ser extraído da soma da mercadoria total de um comercio, algumas frutas como tâmaras e passas etc. (CONCEIÇÃO, março, 2025).

Ainda conforme Giordani (1976), a peregrinação é o último dos deveres atribuídos aos muçulmanos, sendo que ela deve ser realizada ao menos uma vez em sua vida. Há duas espécies de peregrinação: a menor e a maior. A menor é chamada umra, e pode ser feita em qualquer época do ano. A maior é a hadjdj que é a peregrinação propriamente dita, ocorre uma vez por ano, possuindo um calendário determinado e um caráter solene e coletivo. Contudo, a religião Islâmica não valoriza o ato de viajar como sendo apenas um meio para demonstração de fé, mas também como uma maneira de obter saberes através da experiência. Dessa maneira, a erudição também é um caminho visado pelos muçulmanos, sendo até mesmo uma forma para ascensão do homem no que diz respeito ao corpo social, principalmente para aqueles mais humildes, pois através da cultura os filhos de famílias que não pertenciam as linhagens nobres podiam ascender socialmente. (BISSIO, 2010). O saber e o divino estão próximos, portanto, ao procurar conhecimento se está concomitantemente mais próximo de Deus, assim como mencionam Rocha e Linhares (2020, p. 10):

percebe-se como a viagem é uma atividade fundamental para a vida do muçulmano. Em mesmo sentido tem o conhecimento como aspecto central para os indivíduos adeptos a essa fé, bem como ao modo como qualquer forma de saber está conectada ao divino. A aquisição e difusão do saber eram incentivadas, constantemente, pois, de tal forma haveria uma aproximação com o sagrado.

Logo, as viagens adquirem contornos diferentes para os muçulmanos, pois, não se configuram apenas como um deslocamento, mas também como um instrumento, que segundo Bissio (2010, p.06), define “A viagem sob o ângulo de ferramenta para a construção do saber, abre a possibilidade de fazer comparações, e permitem discernir entre o que é não-familiar e o que é familiar”. A autora anteriormente citada (2010, p.1) também afirma que: “Viajar pelos domínios muçulmanos para ir ao encontro dos grandes mestres, com os quais seria possível aperfeiçoar os estudos, era condição sine qua non para entrar no seletor reduto dos sábios”. Nesse sentido a viagem era, ao mesmo tempo, uma expressão religiosa e uma forma de adquirir e construir conhecimento.

Machado e Linhares (2020, p. 287), ao tratar sobre o teor metodológico da viagem para os muçulmanos dizem que “tal perspectiva ocorre em função do conhecimento estar ligado à experimentação, à vivência de novas possibilidades. Logo, o ato de viajar era incentivado como uma ferramenta de construção e difusão do conhecimento da e na umma”. Essa associação da viagem com o saber advém também

dos sábios que viajavam por todo território islâmico, principalmente no período do Império Abássida, com o objetivo de reunir todos os ensinamentos que o profeta Muhammad havia deixado a respeito do Islamismo, indo além do Alcorão. Neste sentido, Bissio (2010, p. 3), comenta que: “Por mais de um século, os eruditos e os seus alunos viajaram de um lugar a outro do império muçulmano (mamlaka) à procura desses materiais e a viagem foi sendo progressivamente associada à construção do saber, à aquisição do conhecimento alicerçado na experiência”.

Valendo-se de um espaço extenso, também conhecido como Dar-al-islam - que significa Casa do Islã ou terras sob domínio muçulmano, fazendo contraponto a Dar-al-harb, que pode ser interpretado como as terras controladas pelos infiéis - os muçulmanos possuíam mais um incentivo para as viagens, pois “Poucos povos tiveram, na história, uma oportunidade semelhante de percorrer distâncias tão grandes mantendo-se sempre dentro de um mesmo contexto cultural”. (BISSIO, 2010, p. 5). Dito isto, o ato de viajar, para um conjunto de indivíduos se tornou um trabalho valioso, seja em termos, religiosos, turísticos, financeiros ou mesmo intelectuais. Nordman (1986), citado por Amorim Filho (2018, p. 141), descreve sobre as viagens desempenhadas por Ibn Battuta:

Battuta [...] percorreu a terra pela África do Norte, o Egito e Arábia, Pérsia, Iraque, Mar Vermelho e ao longo da costa africana, pela Ásia Menor e Mar Negro, estepes da Ásia Central, Afeganistão, Índia, Ilhas Maldivas, Bengala, Sumatra e China, voltando pelo Oceano Índico, Bagdad, Síria e Egito, e realizou novamente a peregrinação a Meca. Ele chegou a Fès, em 1349, para partir, em seguida, para a Espanha e, depois, para o Mali. Em vinte e oito anos e uma dezena de viagens (...) ele fez cerca de cento e vinte mil quilômetros, nos territórios correspondentes a algo como quarenta e quatro países atuais.

Importante frisar que o território islâmico - assim como ocorreu historicamente com as configurações do espaço geográfico de outros lugares - irá se metamorfosear inúmeras vezes ao longo da história devido a questões sociais, políticas, econômicas e etc. Desta maneira, os pensadores descritos no tópico seguinte - Al-Idrisi, Ibn Battuta e Ibn Khaldun -, viveram e desenvolveram seus estudos em períodos de transformações, portanto, são homens do seu tempo e espaço. Desse modo, o legado é a riqueza de saberes construídos por eles, bem como, de outros mais, ditos nos termos modernos de viajantes a historiadores; de sociólogos a juristas; de filósofos a geógrafos. Esses pensadores - muitos por meio de suas carreiras eruditas - deixaram grandes contribuições ao desenvolvimento do conhecimento, também geográfico no final da Idade Média. Porém, os três pensadores aqui tratados, sob o nosso olhar, marcaram

seus trajetos destacando suas contribuições especificamente ao conhecimento geográfico, cujos aspectos serão apresentados adiante.

AL-IDRISI, IBN-BATTUTA E IBN-KHALDUN: ASPECTOS BIOGRÁFICOS E CONTRIBUIÇÕES AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Como vimos anteriormente as viagens tiveram um papel fundamental para o conhecimento geográfico no mundo muçulmano. No período em que esses homens eruditos viajavam a procura de materiais e de informações “deram origem à “ciência da tradição” e à historiografia muçulmana, também surgiram obras descritivas do espaço, tanto do físico - o deserto, as montanhas, os rios, os planaltos - quanto do social, com ênfase nos costumes e nas características dos diversos grupos humanos. (BISSIO, 2013, p. 197). Continua a autora dizendo que “Essas obras, cujo conjunto estudado por André Miquel forma o que esse pesquisador chama de uma “geografia humana do mundo muçulmano”, são fruto do desenvolvimento científico propiciado pelo califado de Bagdá. (BISSIO, 2013, p. 197).

O mundo muçulmano durante o período do tempo histórico aqui tratado possuiu uma plêiade de pensadores importantes nas mais diversas áreas do conhecimento científico. Ao tratarmos da ciência geográfica, temos em destaque, os sábios Al-Idrisi (1100 - 1165), Ibn Battuta (1304 - 1368) e Ibn Khaldun (1332 - 1406). Os três dedicaram parte de suas vidas aos estudos, porém, cada um enveredando para a área que tinha mais apreço. Dito isso, para retratarmos as ações, experiências e legados, iremos abordar aspectos biográficos e aspectos do que podemos considerar como contribuições ao conhecimento geográfico.

Al-Idrisi (1100 - 1165)

Salienta Brotton (2014), que os registros que permaneceu sobre a vida de Al-Idrisi, de nome Abu Abdullah Muhammad bin Muhammad bin Abdullah bin Idris Al-Saqili, são parcos e contraditórios. O local do seu nascimento ainda continua em debate, entre uns que afirmam ser em território do que hoje é a Espanha, outros do Marrocos e até mesmo da Sicília. Entretanto, quando pegamos a historiografia sobre sua biografia, Al-Idrisi nasceu no ano de 1100, no local que hoje é atual cidade de Ceuta - localizada em território espanhol no Marrocos no Norte da África - e pertenceu a uma família nobre de longas gerações, a

qual constituiu-se no Norte da África e na Península Ibérica. Possuía descendência de grandes líderes do Califado Idríssida (789 - 985) que reinou na região Noroeste da África. Portanto possuiu sua linhagem da dinastia "Idrisid", a qual é considerada descendente do sucessor imediato do Profeta islâmico Muhammad, Ali ibn Abi Talib. Também, Al-Idrisi era bisneto de Idris II, que reinou um principado muçulmano na Al-Andalus (península Ibérica) em meados do século XI. Vale ressaltar que foi esta dinastia a responsável por iniciar o primeiro estado muçulmano marroquino. Este intelectual viveu em um contexto "[...] sob o domínio da Dinastia Almorávida e era descendente dos hamúdidas, da Banu 'Amir, tribo que reclamava para a si o título califal em Al-Andalus". (SOUZA, 2015, p. 187).

Durante a sua vivência em território que hoje é a Espanha, Al-Idrisi frequentou a Universidade de Córdoba - uma das mais renomadas universidades daquele período - reconhecida "por seus estudiosos muçulmanos espanhóis". (MUHAMMAD AL-IDRISI, 2022). Devido a um contexto conturbado, resultante da chegada no território dos exércitos cristãos de Castela, decide deixar Córdoba e "Na década de 1130, al-Idrisi já havia partido. Viajou pela Ásia Menor, França, Inglaterra, Marrocos e o restante de al-Andalus" (BROTTON, 2014, p. 80), até sua chegada a Sicília, por volta do ano de 1140, onde vai conhecer os normandos - povos escandinavos que ocuparam o norte da França e o polímata Abu al-Salt - então potencializa a sua profissão, pois foi através do seu contato com outros povos que passou a ser financiado para produzir conhecimento, no caso, os seus valiosos mapas e suas escritas.

Conforme Brotton (2014), podemos destacar a marcante contribuição que Al-Idrisi deixou para um dos reinos de maior organização do mundo medieval - o reino da Sicília - e, conseqüentemente ao conhecimento geográfico. Nesse reino, Al-Idrisi assumiu forte ligação com o então rei Rogério II, sendo ele, na década de 1140, financiador dos trabalhos de Al-Idrisi que resultou no livro chamado "Kitab nuzhat al-mushtaq fi khtiraq al-afaq" ou "Entretenimento para aquele que deseja viajar pelo mundo" - difundido apenas como, "Entretenimento". Essa obra, construída tornou-se um grande apanhado de diversos aspectos geográficos do mundo de então, a qual reuniu mapas regionais e um mapa-múndi. Brotton (2014, p. 89), descreve sobre a chegada de Al-Idrisi na capital siciliana:

Ao se instalar em Palermo, al-Idrisi encontrou uma ilha que lhe permitia, como muçulmano e erudito, recorrer a uma ampla variedade de tradições intelectuais. Desde os tempos de Roma, a Sicília tinha uma reputação de riqueza e prosperidade. Como a Alexandria de Ptolomeu, sua posição entre as diferentes culturas e tradições do Mediterrâneo assegurava riqueza comercial e importância política. A ilha era um ponto de parada para os líderes

políticos que viajavam entre Roma e Constantinopla e seus portos acolhiam comerciantes de todas as religiões do Mediterrâneo. Ela também funcionava como refúgio seguro para peregrinos cristãos e muçulmanos. Muçulmanos espanhóis que faziam sua hajj à Meca muitas vezes faziam pausas nos portos da Sicília, assim como cristãos europeus rumo à Terra Santa.

A seguir, na Figura 1, verificamos uma das mais grandiosas obras de Al-Idrisi, a qual demonstra sua ocupação como cartógrafo e geógrafo ao representar o mundo então conhecido em sua época, a Tabula Rogeriana, obra-prima concretizada em 1154.

Figura 1 – Tábula Rogeriana - Mapa Mundi de Al-Idrisi



Fonte: Henriques (2020).

Assim como essa grande obra concretizada, as representações formuladas por Al-Idrisi mostravam-se mais evoluídas quando comparadas a obras de outros autores de sua contemporaneidade. Por exemplo, o mapa-múndi por ele elaborado, nele não houve somente a intenção de localização espacial, esta obra serviu, também para fins políticos sugeridos pelo então rei da Sicília, Rogério. Este mapa-múndi representava as regiões ocupadas - conhecidas na época - e as rotas de comércio entre elas, bem como: rios, lagos, oceanos, ilhas, principais cidades, planícies e montanhas, além de uma malha de referência com coordenadas geográficas. Para isso, Al-Idrisi, ao construir sua obra “Entretenimento”, pôde recorrer às seguintes fontes:

Ptolomeu, Paulo Orósio, Ibn Khurradadhbih e Ibn Hawqal. É uma lista reveladora: um grego, um cristão e dois muçulmanos, um administrador e o outro, um viajante inveterado. Ao lermos al-Idrisi e olharmos para os mapas desenhados a partir de seu texto, parece que nenhuma fonte predomina.

Ele toma emprestado de todos, ao mesmo tempo em que reconhece tacitamente as limitações deles ao tirar suas conclusões. Tendo recorrido a Ibn Khurradadhbih para a compreensão teórica da forma, da circunferência e das dimensões equatoriais da Terra, ele então se volta para Ptolomeu ao descrever e desenhar climas e, por extensão, as dimensões regionais de seus mapas. (BROTTON, 2014, p. 86).

Vejamos em sequência a Figura 2, apresentada como a mais popular obra de Al-Idrisi, e talvez a mais questionável.

Figura 2 – Mapa circular do mundo produzido por Al-Idrisi



Fonte: Brotton (2014).

A Figura 2, é a mais difundida de sua representatividade do mundo. Um mapa circular com uma configuração um tanto quanto curiosa que, como destaca Brotton (2014, p. 69):

as quatro direções cardeais estão marcadas fora da moldura do mapa, a qual, inspirada nos versos do Alcorão, é composta por uma auréola dourada. O próprio mapa mostra um mundo em dívida com o oikoumené grego. O Mediterrâneo e o norte da África são representados em detalhes, assim como uma fantástica cadeia de montanhas em forma de água-viva com seus afluentes, na África central. Chamada de “As Montanhas da Lua”, acreditava-se que a cadeia era a fonte do Nilo. Egito, Índia, Tibete e China estão todos rotulados em árabe, assim como o mar Cáspio, Marrocos, Espanha, Itália e até a Inglaterra. O mapa conserva um entendimento classicamente vago do sul da África e do sudeste da Ásia, embora se afaste de Ptolomeu ao mostrar uma África circum-navegável, com o globo inteiro cercado por um mar circundante.

Desta maneira, sua vida e obra nos revela uma intelectualidade recoberta por esforços, os quais enriqueceram sua ação enquanto cidadão, viajante e pesquisador, e cujas características o fizeram extrapolar “os limites linguísticos, culturais, religiosos e políticos” (SOUZA, 2015, p. 199), de tal forma que destaca a pluralidade de seus trabalhos, “não apenas por citar muitos lugares, mas por falar por diferentes vozes e visões de mundo”. (SOUZA, 2015, p. 199). Al-Idrisi utilizou de diferentes artifícios para poder conhecer o mundo que estava em sua volta, deixando-nos o legado, que foge daquilo que venha ser o conhecimento difundido apenas pelo mundo europeu. Após sua morte - datada, provavelmente, como revela muitos escritos, no ano de 1165 quando retorna ao norte da África - através de sua obra ele revela sua existência no mundo enquanto um sujeito que deu valiosas contribuições para o desenvolvimento do conhecimento geográfico advindos no mundo muçulmano.

Ibn Battuta (1304 - 1368)

Ibn Battuta, cujo nome é Muhammad bin Abdullah bin Muhammad bin Ibrahim Al Lawati Al Tangi foi, em seu tempo, um dos mais notáveis viajantes do domínio do mundo muçulmano. Segundo consta no texto “A vida e as viagens de Ibn Battuta, explorador e escritor mundial, 2018”, ele foi um erudito, teólogo, viajante e aventureiro que caminhou por territórios do que seria hoje 44 países modernos, percorrendo cerca de 120.000 quilômetros em um período de 29 anos. Por isso, recebeu, no mundo islâmico a denominação de “príncipe dos viajantes”. Sobre sua família e nascimento, Amorim Filho (2018, p. 141), diz que: “Ibn Battuta é originário de uma família bérbere, tendo nascido em 1304, em Tânger (hoje Marrocos), cidade situada na margem meridional do Estreito de Gibraltar”. Igualmente:

Ele era de uma família bastante próspera de juristas islâmicos descendentes de berberes, um grupo étnico nativo do Marrocos. Um muçulmano sunita treinado na tradição de lei islâmica de Maliki, [uma das quatro escolas de jurisprudência islâmica sunita] Ibn Battuta deixou sua casa aos 22 anos para começar sua rihla, ou viagem. (A VIDA..., 2018). (Entre colchetes, destaque nosso).

No curso de suas explorações - as quais têm início em Tânger, no ano de 1325 - despertava nele o interesse em conhecer diferentes povos e culturas. Estava sempre ligado as elites de sua época, pois era através desta proximidade com membros de lideranças que Ibn Battuta recebia benefícios para suas viagens. Esses patronos, em

sua maioria, eram membros da elite da sociedade muçulmana que ele encontrava ao longo de suas andanças. Assim, alguns dos destaques de sua trajetória em busca do saber e de aventuras são marcadas pelos seguintes momentos:

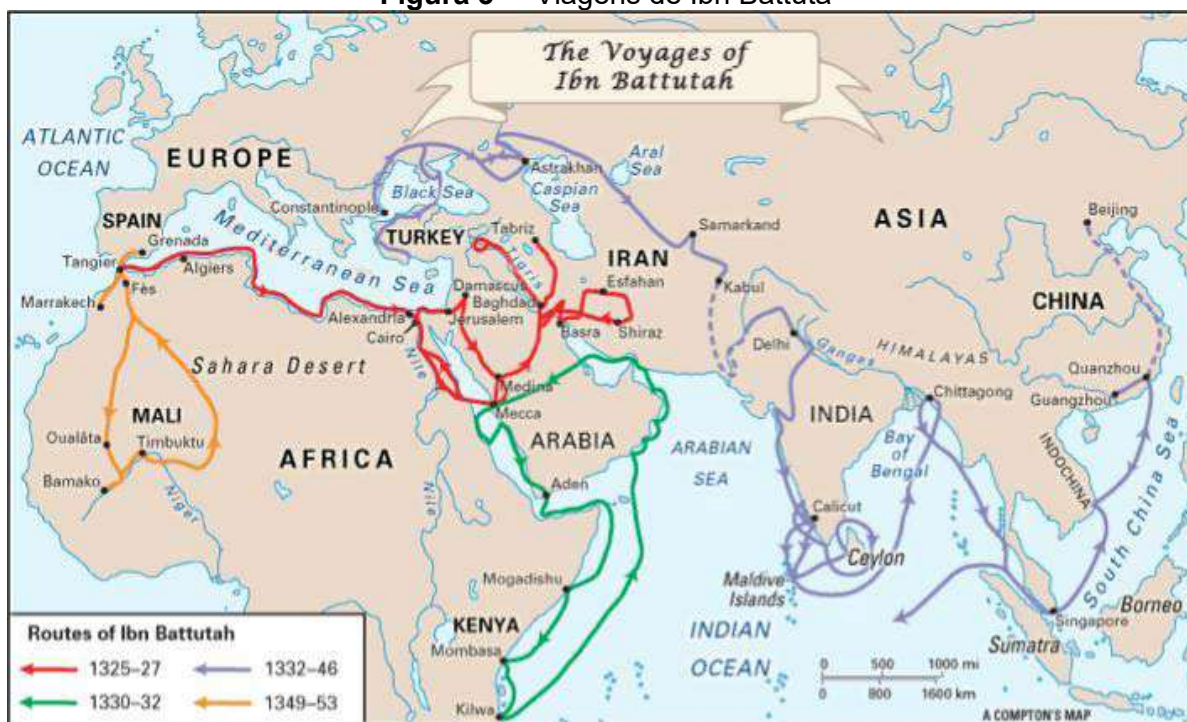
Battuta conheceu inúmeros membros da realeza e elites. Esteve no Cairo durante o reinado do sultão mameluco al-Nasir Muhammad ibn Qalawun. Visitou Shiraz quando esta era um refúgio intelectual para os iranianos que fugiam da invasão mongol. Hospedou-se na capital armênia de Saryj Krym com seu anfitrião, o governador Tuluktumur. Fez um desvio para Constantinopla para visitar Andrônico III na companhia da filha do imperador bizantino Ozbek Khan. Visitou o imperador Yuan na China e Mansa Musa (r. 1307-1337) na África Ocidental. (A VIDA..., 2018).

O texto prossegue dizendo que:

Ele passou oito anos na Índia como cádi [juiz muçulmano que julga de acordo com a sharia, que é o sistema jurídico do Islã] na corte de Muhammad Tughluq, o sultão de Delhi. Em 1341, Tughluq o nomeou para liderar uma missão diplomática junto ao imperador mongol da China. A expedição naufragou na costa da Índia, deixando-o sem emprego nem recursos. Ele então viajou pelo sul da Índia, Ceilão e as ilhas Maldivas, onde serviu como cádi sob o governo muçulmano local. (A VIDA..., 2018). (Entre colchetes, destaque nosso).

A Figura 3 mostra os caminhos nos territórios percorridos por Ibn Battuta.

Figura 3 – Viagens de Ibn Battuta



Fonte: Silva (2015).

Como muitos estudiosos de sua época, não se limitava apenas a uma funcionalidade ou a único campo do saber sendo considerado um polímata - termo que também cabe aos demais pensadores aqui relatados - visto que suas funções e conhecimentos desempenhados, podem ser enquadrados no atual contexto como sendo: cartógrafo, geógrafo, escritor, juiz e etc. Desta maneira escreveu seu nome na história, a partir da aliança entre longas viagens e conhecimento, cujo resultado desta combinação vai reverberar na contribuição para o conhecimento geográfico. Nesse sentido, vale adentrarmos em um termo interessante que é a Rihla. Segundo Amorim Filho (2018, p. 139), “A Rihla se apresenta como um dos quatro principais tipos de deslocamentos, ou viagens, realizados pelos muçulmanos e encorajados pela religião islâmica”. Portanto, de acordo com Mohammed (2011, p. 36), citado por Amorim Filho (2018, p. 139):

O Islã, como religião e prática social, encoraja a mobilidade por meio de diferentes formas de viagens. Uma delas é a hijra (migração), ou viagem de terras não-muçulmanas (dar al-Kufr) para terras muçulmanas (dar al-Islam). Outra forma de viagem é a hajj, a peregrinação a Meca, um dos cinco pilares do Islã, para muçulmanos que têm recursos para fazê-la. Uma terceira forma é a ziyarát, ou visita aos lugares sagrados, e a quarta é al-rihla, ou viagem em busca de conhecimento. Algumas jornadas de muçulmanos podem combinar duas ou mais formas de viagens, como os viajantes muçulmanos medievais que combinavam hajj e al-rihla em suas jornadas.

Vimos acima, a Rihla como uma jornada, todavia, também pode ser interpretada como um gênero da literatura muçulmana medieval associado com os relatos nos diários de viagens. Nesse sentido entende-se que o objetivo da Rihla é o de “ser útil e informar o mais detalhadamente possível sobre tudo o que é visto e vivido”. (IBN BATTUTA, 2005, p. 49). Sendo assim, salienta Silva (2015), que num contexto de mundo complexo, no qual estava interligado à cultura religiosa e ao comércio, as viagens tinham vários significados.

Em árabe a expressão Rihla fi Talab Al-‘Ilm (a viagem em busca do saber) traduz o sentido deste tipo de viagem tão cara a Ibn Khaldun e ao seu conterrâneo maghrebino Ibn Battuta. As viagens, de diversos motes e razões, eram alimentadas pelos conhecimentos acumulados por uma civilização em constante movimento. Bem como, os deslocamentos e a escrita sobre os deslocamentos retroalimentavam os conhecimentos geográficos e políticos sobre os diversos Estados islâmicos e seus vizinhos. (SILVA, 2015, p. 27).

O autor continua afirmando que a Rihla de Ibn Battuta, estava inserida no campo do saber geográfico. Contudo, a viagem e a escrita dela, não era algo raro entre os viajantes desse contexto. O que diferencia Ibn Battuta dos demais, foi o gigantesco

alcance de suas andanças. Nesse sentido Chiesa (2009, p. 49), citado por Silva (2015, p. 31), evidencia que:

A geografia, ou seja, a descrição e representação do mundo ao mesmo tempo, desempenha um papel essencial na cultura muçulmana medieval. Os administradores de um império que, a partir do século XVIII, se estende do Atlântico aos confins do Himalaia necessitam de informações precisas e concretas sobre os países que governam, mesmo que fosse por puras razões fiscais.

Essa literatura geográfica que tinha um caráter descritivo foi sendo produzida e acumulada, possibilitando a construção de um vasto conhecimento do mundo muçulmano. Silva (2015), destaca que a fonte maior de informações sobre a vida de Ibn Battuta está nos seus próprios relatos de viagens acumulados nos seus quase trinta anos de viagem. O resultado de suas interpretações, está em seu livro que foi elaborado quando finalizou suas viagens, o qual:

foi intitulado *Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara'ib al-Amsar wa-'Aja'ib al-Asfar*, podendo ser traduzida como Um presente para aqueles que contemplam as belezas das cidades e as maravilhas da viagem e escrito através do auxílio de um escritor, poeta e erudito natural de Al-Andalus de nome Ibn Juzayy al-Kalbi (1321-1357). Ele era secretário do sultão Merínida Abu'Inan (1348-1358) e conhecido de Ibn Battuta quando de uma viagem anterior à Granada, na península Ibérica. (SILVA, 2015, p. 57).

Ainda segundo Silva (2015, p. 19), “Esta obra, mais conhecida como a *Rihla* de Ibn Battuta, circulou pelos centros de erudição no norte da África, África Ocidental e do Oriente Médio até chegar ao conhecimento dos Orientalistas europeus”. Essência de sua contribuição ao conhecimento, esta obra tornou-se uma rica descrição de trânsitos comerciais marítimos e de caravanas, além de apontar características peculiares sobre aspectos geográficos e dos locais percorridos. Mais que um longo trajeto, as viagens realizadas por este explorador permitiram ampliar o campo do conhecimento. Ao longo de suas extensas viagens - navegando, caminhando - o explorador marroquino Ibn Battuta não cessou de elaborar escritos sobre cada localidade que passou, afinal era recorrente que seus percursos fossem acompanhados por uma perspectiva descritiva como mencionada anteriormente. Além do mais a grandiosidade de suas jornadas demonstra por vezes as principais motivações para a busca por conhecimentos, os quais vão para além das práticas religiosas. Com isso, é imensa a importância reservada a contribuição de Ibn Battuta ao conhecimento geográfico.

Embora algumas fontes tragam o ano e o local de sua morte como sendo 1368, na cidade de Fez - no atual Marrocos -, Silva (2015, p.16), salienta que o “período exato de sua morte é incerto” e citando alguns autores, estes apontam que seu falecimento teria uma data entre 1368 e 1369, outros apontam que poderia ser posterior, sendo o ano de 1377 e que provavelmente terminou sua história vivendo um estilo provincial e modesto. Porém, o fato é que após uma vida plena de viagens e descobrimentos, Ibn Battuta deixa um rico legado, no qual se concretiza por meio de suas extensas experiências com abordagens corográficas, as quais garantiram diferentes formas de adquirir um conhecimento geográfico pelos caminhos do mundo que analisava.

Ibn Khaldun (1332 - 1406)

Ibn Khaldun, do qual o nome é Abdul Rahman bin Muhammad bin Khaldun Al-Hadrami foi um pensador que tinha o olhar focado para o sentido de entender a história e a sociedade do seu tempo, no mundo islâmico do século XIV. Está entre os grandes pensadores que vindos da Idade Média devemos incluir entre os que propiciaram as luzes de um conhecimento que embasaria o período dito como modernidade. Sobre ele, Isgorogota (1959), na Opinião de Imprensa, publicada na página literária de “A Gazeta” de 17 de janeiro de 1959 e posta junto a capa da sua obra “Prolegômenos ou Filosofia Social” (1958), salienta que foi um “homem de Estado, intelectual e fidalgo, como inúmeros outros que engrandeceram o Império Árabe no tratado do pensamento e das artes, - foi fundamentalmente um pensador, historiador, sociólogo, filósofo e jurista, notabilizou-se pela força criadora e pela capacidade ensaística de seu pensamento”. Sobre local e data de seu nascimento Ibn Khaldun (1958, p. 491), diz: “Vi a luz em Túnis no primeiro dia do mês de Ramadan do ano 372 (27 de maio de 1332 de J. C.) e fui criado e educado sob as vistas de meu pai até a época de minha adolescência”. Em uma longa história, conta sobre os seus descendentes e sobre a sua linhagem familiar, a qual Senko (2012, p. 24), sistematizou dizendo:

nascido de uma família que possuía descendência na região de Hadramut, sul da Arábia, e depois passaram para Carmona e Sevilha na Península Ibérica. O primeiro representante da família Khaldun foi Uail Ibn Hojr, o qual, segundo o historiador, foi um dos Companheiros do Profeta (século VII). O pai de Ibn Khaldun, Abu Bacr Muhammad, era um famoso poeta e gramático tunisino, contrariando a linha mestra de conduta da família: nobres ligados ao poder e ao âmbito militar.

Vindo de família de aristocratas e militares ligado ao califado, as gerações antecedentes dele, contribuíram para que ele fosse renomado em sua época, visto que, era comum entre os membros de sua família, ensinamentos, para estarem ligados aos governantes. Quanto a sua formação, salienta Senko (2011), que no século XIV, Túnis era uma das melhores cidades para se viver no medievo, porque possuía universidades que disputava com Fez a excelência dos estudos. Estudiosos do território magrebino, península ibérica e do oriente, faziam parte dessa comunidade universitária. Continua a autora afirmando que o jovem Ibn Khaldun começou no mundo do conhecimento, de forma natural, visto que seu pai:

Abu Bacr Muhammad, lhe ensinava as primeiras lições de gramática em casa, além de aprender como tradição familiar aspectos políticos e militares junto aos seus irmãos Muhammad e Yahya. Depois passou a ter aulas com renomados mestres magrebinos e andaluzes, dentre eles se encontrava o andaluz Abelli (1282-1356) que era discípulo de Ibn Rushd. Khaldun estudou inicialmente o Alcorão e a teologia islâmica até a morte de seu pai pela Peste Negra. (SENKO, 2011, p. 17).

Igualmente, continua Senko (2011, p. 18):

A madrasa (escola) de formação de Ibn Khaldun foi a sunita malikita, de origem andaluza, a qual tinha por lições principalmente a leitura específica do Alcorão, da Sunna e do Tafassi (sobre tradições escritas no Muwatta que servia de base ao sistema da jurisprudência malikita). Dentre as diversas lições aprendidas por Khaldun podemos destacar sua aprendizagem sobre a arte gramatical e as poesias citadas no Kitab Al-Agani (coletânea de poesia e música árabe).

Nos seus estudos superiores, na Universidade de Djmé, em Túnis, contactou com as ciências “história e filosofia de origem árabe e grega, especialmente com a leitura de Aristóteles, além de aprender aspectos da literatura, teologia e geografia”. (SENKO, 2011, p. 18). Evidentemente, sendo um homem do conhecimento, cuja formação esteve ligada aos grandes mestres, logo foi chamado a participar de cargos próximos ao poder. Nos prolegômenos (1958), Ibn Khaldun detalha os cargos exercidos durante sua jornada. Colocaremos aqui alguns deles, sistematizados por Senko (2009).

Quando adolescente teve o seu primeiro cargo de escrivão do parafo real - função de registro de dados da administração real - do sultão tunisiano Abu Ishac. Em 1352, vai para Tebessa com a finalidade de seguir os sábios marínidas pelo Norte da África. Em 1354, em Fez foi convidado pelo Sultão Abu Inan para ser seu secretário do parafo e ser integrante das reuniões dos sábios. Em 1359, o sultão Abu Salem - que substituiu o sultão Abu Inan o colocou no cargo de secretário particular e posteriormente

no de madhalim (o reparador das injustiças). Em 1363, em Sevilha foi encarregado de ratificar a paz entre o rei Pedro - o Cruel - e os emires de Al-Andaluz. Já em 1365 retornou ao Norte da África e na cidade de Bugia, assumiu cargo junto ao sultão Abu Abd Allah. Igualmente participou de expedições militares das conquistas do Sultão de Tlemcen, Abu Hammu. Já no ano de 1374 encontrou-se com os Aulad Arif - tribo árabe - que proporcionou as condições necessárias para que pudesse escrever suas obras, Muqaddimah - termo que quer dizer Prolegômenos - e "Autobiografia". Além disso, em 1383 assumiu o papel de lecionar na Mesquita de Al-Azhar, no Cairo, assim como também assumiu o cargo de cádi malikita.

Estudioso dos aspectos sobre a civilização, este Tunisiano expõe uma forte relação com cargos públicos em um instável contexto político e dinástico, os quais marcaram fortemente a vida da família de Ibn Khaldun. Com isso, observa-se que o poder e o saber se tornam dois fatores fortemente relacionados, fazendo com que a carreira dele conquistasse notoriedade devido a sua erudição, elemento importante para os homens de poder. A partir desta contextualização - de sua formação e dos cargos exercidos junto aos sultões - nota-se que a forte relação existente entre os dois fatores mencionados, revela-nos um grande caráter legitimador por parte do saber, peça fundamental que conservou a sabedoria de Ibn Khaldun. Desse modo, continua a autora:

A carreira erudita de Ibn Khaldun, paralela àquela exercida oficialmente por ele em diversos sultanatos, foi a mola propulsora de suas obras. A política de sua época era dominada ainda pelos conflitos no norte de África entre a dinastia dos Hafsidas (1228 - 1574) e a dinastia dos Marínidas (1196 - 1465). Além dessas duas grandes dinastias, as quais Ibn Khaldun serviu, podemos destacar a importante tribo do norte de África, os Banu Hilal. No entanto, o homem político Ibn Khaldun soube negociar em prol de seus interesses, mantendo uma posição a todo tempo próxima ao poder - pois era isso o que lhe garantia triunfar com a ação de sua pena, promovendo o saber. (SENKO, 2009, p.75).

O território no contexto em que nasce e vive Ibn Khaldun, está em processo de transformação, pois conforme salienta Ferreira (2020), a partir do século X o Império Árabe Islâmico, que se inicia com o processo de pregação e unificação da Península Arábica pelo Profeta Muhammad no século VII, caminhava para o colapso do seu domínio, portanto, "Num cenário de fragmentações políticas e dinásticas, estreitamento das fronteiras e ataques externos ao dar-al-islam ("terra do islã)". (FERREIRA, 2020, p. 1). Neste sentido, entender o pensamento e a obra deste erudito muçulmano é também

entender que ele enxergava uma realidade política islâmica em crise, pois o contexto histórico no qual estava inserido é marcado por vários acontecimentos, entre eles:

o contato das dinastias árabes com os mongóis e, também, com os cristãos (em processo de avanço sob territórios antes muçulmanos); a difícil manutenção e controle, por parte dos árabes, de algumas das principais tribos por eles dominadas; e a gradativa infiltração, no interior da administração muçulmana, do otomano vindo da Anatólia. (SENKO, 2009, p. 74).

O leque de conhecimentos que Ibn Khaldun deixou como legado é extremamente vasto dedicando-se aos estudos da Jurisprudência, da Geografia e da História. É na sua obra - traduzida do árabe para diversas línguas - que ele sistematizou suas experiências e os conhecimentos adquiridos com ela, que se é possível saber de si próprio e o que ele deixou de contribuição para o conhecimento científico. A explicação da organização dessa obra nos é dada por Bissio (2013, p.74).

O livro consta de três partes principais: a famosa introdução, al-Muqaddimah (Os prolegômenos), uma síntese de todos os conhecimentos da época, que é sem dúvida a mais estudada e conhecida, particularmente no Ocidente; uma segunda parte, Livro (ou História) dos berberes, dedicada à história dos povos árabes e berberes, de vários volumes, e, finalmente, a Autobiografia (al-Ta'rif bi-Ibn Khaldun), da qual até meados do século passado tinham sido encontradas versões incompletas e que agora é conhecida em toda a sua amplitude graças à descoberta de vários manuscritos, em bibliotecas de Istambul, do Cairo, de Túnis e do Marrocos, com informações da última fase da vida do autor.

Vale destacar que essa obra foi traduzida direta e integralmente do árabe para o português por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury e publicada - Tomo Primeiro - em 1958, cujo título é "Ibn Kaldun Os Prolegômenos ou Filosofia Social". Sobre sua obra o próprio Ibn Khaldun (1958, p. 14), salienta:

Tudo o que se relaciona com a origem dos povos, o sincronismo das nações antigas, as causas que fomentaram suas atividades ou as levaram a sofrer modificações; tudo o que diz respeito à Organização Social e à Civilização, como a soberania, a religião, a cidade, o domicílio, o poder, o aumento ou o declínio da população, as ciências, as artes, o lucro e o prejuízo, as consequências remotas ou imediatas das revoluções e outros acontecimentos sociais, a vida, seja na sua fase nômade e primitiva, seja na fase citadina, os fatos já transcorridos e os que se devem esperar, tudo abracei nesta obra e de tudo aponte as causas ou dei provas. De modo que se pode considerá-la como compêndio único da História, tendo em vista o número e o valor das informações que lhe abarrotam as páginas, e as doutrinas, antes ocultas ou desconhecidas, e agora expostas ao entendimento de todos.

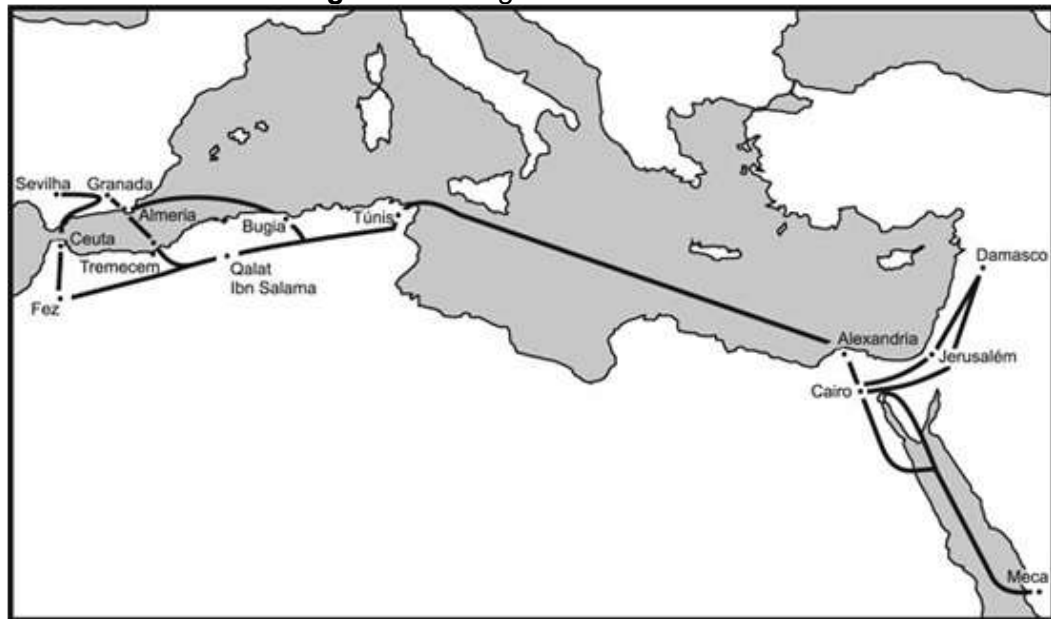
Por este excerto é inegável para todos os estudiosos da obra khalduniana, que seu pensamento é amplamente plural nos campos das ciências humanas, tendo sido

ele um precursor de várias dessas ciências modernas que estudam a sociedade. Todavia Bissio (2013), salienta que o objetivo a que se propôs Ibn Khaldun foi escrever uma obra histórica que teve uma particularidade de analisar os aspectos da sociedade humana à luz da história muçulmana, inclusive lidando com as complexas questões do seu tempo - século XIV - num mundo muçulmano ameaçado tanto no extremo ocidental como oriental. E ainda, diante do desafio vivido pelo Islam, ele acreditava que era necessário “uma ciência nova que fornecesse as leis universais capazes de explicar o funcionamento da sociedade humana e as mudanças observadas - no terreno político, principalmente - no decorrer dos séculos. É essa ciência que ele pretende fundar com sua obra”. (BISSIO, 2013 p. 73). Continua a autora salientando que o esforço dele não foi em vão, pois:

o livro é tido como um dos clássicos do pensamento histórico. Ao fazer da sociedade o sujeito da história e ao deixar explícito que a Providência só intervém na vida individual, Ibn Khaldun oferece uma interpretação da história alheia aos desígnios divinos, ou seja, “eliminou a Cidade de Deus dos assuntos humanos, séculos antes que fizesse o mesmo a historiografia ocidental”. (BISSIO, 2013, p. 73).

Exigindo dedicação dos pesquisadores contemporâneos para esmiuçar tamanha erudição, procuramos descrever a sua contribuição ao conhecimento geográfico. Para os muçulmanos letrados, as viagens faziam parte de suas vidas. A própria condição da peregrinação aos lugares santos e busca de um reconhecimento da condição de um homem do conhecimento exigia os deslocamentos. Não fugindo a regra dos pensadores antes aqui colocados - Al Idrisi e Ibn Battuta - não foi diferente com Ibn Khaldun. As viagens foram, portanto, elementos fundamentais de acumulação de conhecimento do espaço e das trocas de informações sobre o mundo, embora Bissio (2013), saliente que os deslocamentos de Ibn Khaldun estiveram muito mais ligados às vicissitudes de questões políticas do que pela necessidade de sua formação. Na figura seguinte podemos visualizar as rotas dessas viagens.

Figura 4 – Viagens de Ibn Khaldun



Fonte: Bissio (2013).

Especificamente no Livro Primeiro de Os Prolegômenos, cujo título já é um tratado de geografia humana, sendo: “Da Sociedade humana e dos fenômenos que se apresenta, tais como a Vida Nômade, a Vida Sedentária, a Dominação, a Aquisição, os Meios de se ganhar a subsistência, as Ciências e as Artes; com indicação das Causas que produziram estes efeitos”, Ibn Khaldun (1958, p.85), descreve que:

A História se propõe, como verdadeiro objetivo, fazer-nos compreender o estado social do homem, isto é, a Civilização, e explicar-nos os fenômenos que estão ligados naturalmente com ela, a saber: a vida selvagem, a humanização dos costumes, o espírito de família e de casta, os diversos tipos de superioridade que os povos conseguem obter uns sobre os outros e que dão origem aos Impérios e às Dinastias, a distinção das classes e dignidades, as ocupações a que os homens dedicam seus trabalhos e seus esforços, tais como as profissões lucrativas, os ofícios de que se vive, as ciências, as artes; enfim, tôdas as modificações que a natureza das coisas pode operar no carácter da Sociedade.

Colocando a lente do olhar geográfico, nesse excerto, está a leitura da descrição da construção do espaço geográfico. Nesse sentido salienta Senko (2012, p. 96), que “Dentro desse panorama das ciências clássicas, a geografia aparece como um dos estudos mais caros para Ibn Khaldun e para os sábios islâmicos em geral”, pois “As explicações geográficas de Ibn Khaldun, com base em reflexões de Ptolomeu (90-168) e Idrissi (1099-1166), nos indicam a importância que tinha esta ciência para o ambiente islâmico e medieval”.

Nos Prolegômenos, Ibn Khaldun (1958, p. 106), tratando do “Estado social em geral”, no primeiro discurso preliminar, evidencia que: “O homem é por natureza cidadão”, ou seja, que ele não prescinde de viver em sociedade, sendo ela uma coisa necessária. No segundo discurso preliminar (p. 111), cujo título é “Tratando da parte habitada da terra, dos principais mares, dos grandes rios do dos climas”, salienta que nos livros que leu dos filósofos que fizeram do universo a matéria dos seus estudos, a Terra tem uma forma esférica e que está mergulhando no elemento líquido sobre o qual parece flutuar, como se fosse um bago de uva boiando na água. Também “Em certas partes da sua superfície, o mar retirou-se deixando a sêco seu lugar, quando Deus quis formar os animais, que deviam ali viver, e povoar esta parte pela raça humana, que constituiu sua mandatária sôbre o resto da criação”. (IBN KHALDUN, 1958, p. 111). Continua sua descrição dizendo:

Os autores que fizeram a descrição da parte habitável do mundo, indicando seus limites, as cidades que contêm, os centros populosos, pormenorizando montanhas, rios, desertos e areias, tanto os antigos, por exemplo, Ptolomeu, no seu Tratado sôbre Geografia, como, depois dêle, os modernos, entre os quais Idrissi, autor do Livro de Rogério, dividiram o aludido espaço de terra em sete porções, a que chamaram os Sete Climas. Assinalaram, para cada Clima, limites ideais que partem de Leste para Oeste. Todos os Climas têm a mesma largura, mas diferem pelo comprimento, sendo o primeiro mais longo que o segundo, êste, mais que o terceiro, o terceiro mais que o quarto, e assim por diante, até o sétimo, que é o mais curto de todos, em razão da forma circular do Globo e da porção de terra que as águas deixaram a descoberto. Os Geógrafos dividem cada um dos sete Climas em dez partes ou seções que se seguem umas às outras, do Poente ao Oriente. (IBN KHALDUN, 1958, p. 113).

Nesta mesma toada descritiva, há uma grande descrição que Ibn Khaldun faz sobre o mar mediterrâneo (Mar de Rum) e outros mares das terras habitáveis. Dos mesmos geógrafos que mencionaram sobre os célebres mares, ele também disse que estes disseram que a parte habitável do mundo é regada por um grande número de rios entre os mais notáveis estão: o Nilo, o Eufrates, o Tigre, e o rio de Balkh, chamado Jaihun. E então, daí, faz-se toda uma descrição do nascedouro desses rios. Igualmente nos chamou atenção que a denominação “geógrafos”, está presente na obra.

No terceiro discurso preliminar intitulado “Dos climas com temperatura média; dos climas que se afastam da média; da influência que a atmosfera exerce sôbre a tez humana, assim como sôbre o estado geral do homem”, descreve sobre a temperatura dos climas e sobre a influência dessas diferentes temperaturas nos corpos dos homens que habitam essas regiões, na sua tez, nas suas disposições naturais e em tudo o que

lhes diz respeito. Assim diz: “Verificamos também, de outra parte, quando homens do Norte ou do IV Clima, deixando seu país, vêm habitar o Meio-Dia, a pele de seus descendentes adquire a cor preta: prova de que a cor depende do temperamento do ar”. (IBN KHALDUN, 1958, p. 131). No quarto discurso preliminar de título “Da influência do ar sobre o carácter do homem e seus costumes” diz:

Segundo um princípio bem estabelecido nos livros de filosofia, a alegria e o prazer resultam naturalmente da dilatação e da expansão dos espíritos animais, enquanto que a tristeza procede de uma causa contrária, que consiste na contração e na condensação destes mesmos espíritos. Constatou-se que o calor dilata o ar e o vapor, e os rarefaz, aumentando-lhes o volume. É o motivo por que o homem - embriagado experimenta uma sensação inexprimível de alegria e de prazer. [...] O carácter dos povos que habitam os países marítimos é um pouco semelhante ao destes. [...] Quanto aos habitantes do Egito, país que está na mesma altitude que o Jarid, pode-se observar com que facilidade eles se entregam aos folguedos, à despreocupação e à imprevidência. A tanto chegaram, que não fazem nenhuma espécie de provisões de víveres nem para um ano, nem para um mês, precisando comprar diariamente no mercado tudo o que comem. A cidade de Fêz, no Magrib, oferece um exemplo em tudo contrário aos precedentes. Rodeado este centro urbano de planaltos muito frios, os seus habitantes apresentam-se sisudos e cabisbaixos, como homens acabrunhados e abatidos pela tristeza, e, pode-se julgar, por isso, quanto são dominados pelo espírito de previdência. Tanto isso é verdade que o indivíduo, entre eles, põe de lado como reserva uma provisão de trigo que seria suficiente para muitos anos, e, antes mesmo de tocar nesta reserva, vai cada manhã ao mercado comprar sua alimentação para esse dia. Se prosseguirmos nestas observações nos outros Climats e países, acharemos em toda parte, que as qualidades do ar exercem uma grande influência sobre as qualidades do homem. (IBN KHALDUN, 1958, p. 133-135).

Para Senko (2012, p. 69), Ibn Khaldun se interessava pelo estudo da geografia e também dos climas como elementos de desenvolvimento da vida humana, porque com o entendimento deles visava uma melhor inteligibilidade do comportamento que era inerente às diferentes sociedades. Sendo assim, com esses excertos, procuramos destacar aspectos geográficos colocados por Ibn Khaldun no segundo discurso preliminar. Entretanto, algo ainda nos chama atenção no sexto discurso preliminar intitulado: “Tratando dos homens que, seja por disposição inata, seja por treino ou disciplina, chegam a perceber o mundo invisível; com observações preliminares sobre a natureza da revelação”. Para Ibn Khaldun, dentro da espécie humana, Deus, o altíssimo, fez uma escolha entre alguns indivíduos a quem concedeu o privilégio de com Ele poder dialogar, criando-os para O conhecerem e colocando-os como intermediários perante suas criaturas e servos, nesse sentido se dá a natureza do profetismo. Ao descrever o mundo sensível e material, fala do mundo visível, o mundo dos elementos, dizendo que:

Os elementos elevam-se gradativamente do estado de terra ao estado d'água, depois ao estado de ar, depois ao de fogo, ligando-se assim uns aos outros. Cada um deles possui uma disposição ou aptidão para se transformar no elemento imediatamente superior ou inferior, transformação que, às vezes, se realiza efetivamente. O elemento superior é, por natureza, mais subtil e diluído que o elemento imediatamente inferior a ele; o mais leve dos elementos tem por limite o Mundo das Esferas. A união das Esferas entre si forma outra gradação que os sentidos não podem perceber senão por seus movimentos. Estes movimentos foram suficientes para permitir aos homens descobrirem a extensão e a posição de cada Esfera e reconhecerem também que além delas existem seres exercendo sobre as Esferas as influências que se percebem. (IBN KHALDUN, 1958, p.154).

O mundo sublunar ou Alam at-Takuin (que é mundo no qual os seres foram formados com matéria preexistente), é aquele que:

Desenrola-se nêlo o espetáculo de uma graduação admirável, em que vemos primeiro os minerais, aos quais se sucedem as plantas e os animais. A categoria dos minerais confina por uma de suas extremidades com o começo da categoria das plantas, onde se acham as ervas daninhas e os vegetais que não têm sementes. A extremidade da categoria das plantas que inclui a palmeira e a parreira está em contato com a categoria de animais que compreende os caramujos e as conchas, seres que possuem um sentido único, o tato. Falando das diversas categorias de seres, a palavra “confinar”, ou ter contato, emprega-se para significar que o limite extremo de cada classe, em virtude de uma constituição inata e misteriosa, está disposta a confundir-se com o limite onde começa a classe seguinte. O mundo animal é muito extenso e compreende um grande número de espécies. Na hierarquia das criaturas, o homem ocupa o último escalão, como ser dotado de reflexão e de providência. Ocupando esta posição, o homem se acha colocado numa categoria superior à dos macacos, animais que reúnem à destreza a compreensão, mas que, na ação, não se alçam nem até à providência, nem à reflexão. Estas faculdades aparecem apenas no começo da categoria seguinte, que é a categoria do homem. O que somos capazes de perceber acaba neste limite. (IBN KHALDUN, 1958, p.154).

Por fim, o que se nota, na organização da obra de Ibn Khaldun é uma organização histórica geográfica do mundo do seu tempo, que conta a história, mas que tem nela o geo-grafar dos espaços do Islam, decifrando assim, os diversos aspectos que envolvem a sociedade, relatando principalmente sobre as cidades do império, destacando de que maneira elas estavam organizadas e versando sobre a língua falada em determinado local, além de tratar dos aspectos físicos desses territórios. Para ele (1958, p.154), quando contemplamos esse mundo, não há o caos, nele, reina uma ordem perfeita, um sistema “uma ligação de causas e de efeitos, uma conexão ligando entre si as diversas categorias dos seres e presidindo à transformação de certos seres em outros. É uma sequência de maravilhas que nunca se acaba e cujos limites não se podem indicar”. Eis, portanto a sua contribuição ao pensamento geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

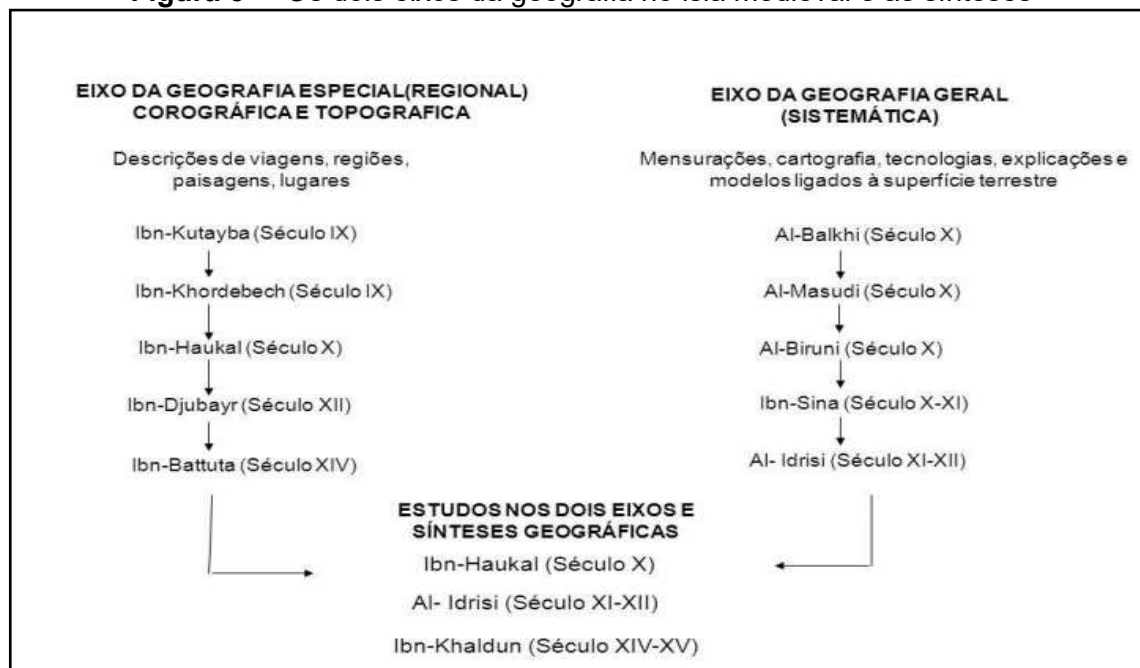
O ponto de partida da reflexão aqui apresentada foi a busca pelo conhecimento geográfico. O de chegada foi entender que o mundo muçulmano, não só no recorte de tempo aqui destacado, mas, durante toda a Idade Média, foi percorrido e descrito pelos viajadores. Com isso, os relatos desses lugares, contendo a história e a geografia deles, trazem em si, a própria cultura dos homens e a construção dos seus territórios, contadas e recontadas oralmente, e, posteriormente, impressas em obras para as gerações vindouras. É nesse sentido, que focamos nossas considerações para salientar que é indubitável a contribuição dos muçulmanos para o desenvolvimento do conhecimento geográfico. Fato é, que, mirando para todo o contexto, percebemos que a ciência muçulmana, assumiu um papel de herdeira do conhecimento produzido anteriormente no mundo grego, entretanto, funcionou como ferramenta aprimorada dos saberes adquiridos na construção da cultura erudita islâmica, a ponto de ser luz para o desenvolvimento do conhecimento da modernidade, enquanto o mundo europeu passou por um obscurantismo religioso que de alguma maneira atingiu o desenvolvimento do conhecimento. Principalmente no que tange a perseguição a pensadores. Frente a esse avanço, torna-se claro que o conhecimento geográfico foi também protagonista nele, pois foi através de obras geográficas contendo conteúdos de cunho geográfico que muitos pensadores muçulmanos se apoiaram para aprimorar o desenvolvimento do saber construído.

De fato, com esse panorama elaborado, os trabalhos realizados pelos geógrafos aqui apresentados, passam a ter uma importância abrangente - pois assegurados pelos centros científicos do seu tempo e também pelos grandes líderes que os fomentavam - puderam transmitir e deixar o seu legado para as futuras gerações de diferentes povos e culturas. Não só para a Geografia, mas para os diferentes ramos da ciência moderna: História, Sociologia, Antropologia etc. Para a especificidade da Geografia estes sujeitos, desenvolveram na prática, fundamentos, que contribuíram para aspectos históricos sociais, filosóficos, militares, territoriais e naturais tendo como base a religião Islâmica, pedra basilar de sustentação do desenvolvimento do conhecimento.

Embora o presente texto, tenha tido um caráter de apresentação dos pensadores aqui mostrados, a título de consideração vale apresentar um quadro

síntese elaborado por Amorim Filho (2018, p. 132), no qual o autor aponta os principais nomes da geografia muçulmana medieval, agrupados nos dois grandes eixos da Geografia: o da Geografia Especial (Regional) e o da Geografia Geral (Sistemática).

Figura 5 – Os dois eixos da geografia no islã medieval e as sínteses



Fonte: AMORIM FILHO (2018).

Desta maneira, sobre os três pensadores muçulmanos de nosso enfoque, podemos fazer a seguinte sistematização: Al Idrisi foi um homem cuja sabedoria o fez caminhar junto aqueles que possuíam um patamar político. Trabalhou desde o campo da normatização que concerne aos processos terrestres - próprios da Geografia Geral - até os campos interativos entre os dois eixos divisórios da Geografia. Ibn Battuta, famoso pelas suas viagens pelo mundo muçulmano, com um olhar observador, segue um eixo descritivo - propriamente da Geografia Regional. Já Ibn Khaldun, pensador preocupado com as formas de ocupação do espaço, seguiu uma postura no sentido de entender o espaço social a partir da interação entre os dois eixos da Geografia.

Portanto, três geógrafos com visões plurais do seu tempo que estudando a organização espacial por meio da interação entre o homem e natureza, na medida em que buscaram compreender essa configuração e relação, descreveram a Terra como morada do homem e de todos os seres vivos desenvolvendo nesse período no mundo muçulmano um conhecimento que os geógrafos contemporâneos podem usufruir não

só para entender o passado, mas, para construir a Geografia do presente e do futuro. Eis, portanto, a contribuição deles à história do pensamento geográfico.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. O pensamento geográfico no Kitab de Idrisi e na Rihla de Battuta: uma reflexão epistemológica comparativa. *Geografia literatura e arte*, v. 1, n. 1, p. 124-147, janeiro a junho, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/142144>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.
- ATTIE FILHO, M. *Falsafa: a filosofia entre os árabes*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- A VIDA E AS VIAGENS DE IBN BATTUTA, EXPLORADOR E ESCRITOR MUNDIAL. *História e cultura*. 2018. Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%c3%b3ria--cultura/ibn-battuta-biography-travels-4172920/>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.
- BARROS, N. C. C. *Geografia: história, conceitos e métodos*. Recife: UFPE, 2020.
- BISSIO, B. A viagem e as suas narrativas no islã medieval. *Litteris: dossiê estudos árabes-islâmicos*, n.4, p.14-20, 2010. Disponível em: <<https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/as-viagens-e-suas-narrativas-no-islã-medieval>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.
- BISSIO, B. O mundo falava árabe: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra Ibn Khaldun e Ibn Battuta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BRANDÃO, P. R. B. Devotos, sábios e viajantes: os geógrafos do mundo islâmico medieval. *Geografia, ensino e pesquisa*, vol. 22, p. 8-16, julho, 2018.
- BROTTON, J. *Uma história do mundo em doze mapas*. Rio de Janeiro: 2014.
- CHIESA, P. *Os grandes exploradores*. Vol. 01. Larousse: São Paulo: 2009.
- CLAVAL, Paul. *História da geografia*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CONCEIÇÃO, V. S. [Entrevista concedida em 27 de fevereiro de 2025]. Maringá, 2025.
- CUNHA, A. A.; SANT'ANNA, J. E. C. Al-Biruni e a ciência islâmica - a genialidade do homem além de seu tempo. *Tempo de conquista*, v. 29, p. 1 - 12, junho, 2021. Disponível em: <<http://revistatempodeconquista.com.br/Copied-RTC-28.php>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.
- FERREIRA, M. G. Traduções e seus trajetos: Ibn Khaldun e o Kitab Al'Ibar na perspectiva da história cultural da leitura. XXV Encontro Estadual de História da Anpuh-SP, 2020. Anais. Disponível em: <<https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>>. Acesso em: 25 de setembro de 2022.
- FROLOV, I. T. *Diccionario filosófico*. Moscú: Editorial Progreso, 1984.
- GAUZ, V.; PINHEIRO, L. V. R. Fluxo da informação entre colecionadores, escribas e cientistas árabes na pré-institucionalização da ciência, séculos IV ao XV. XI Encontro

nacional de pesquisa em ciência da informação inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/40/1/LenaEnancibGaus>>. Acesso em: 02 de março de 2022.

GIORDANI, M.C. História do mundo árabe medieval. Petrópolis: Vozes, 1976.

HENRIQUES, P. Al-Idrisi: o homem que revolucionou a geografia medieval. História Islâmica, 2020. Disponível em: <<https://historiaislamica.com/pt/al-idrisi-o-homem-que-revolucionou-a-geografia-medieval>>. Acesso em: 04 de julho de 2022.

HUFF, T. E. The rise of early modern science: Islam, China, and the West. 2ª ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

IBN BATTUTA. A través del islam. Madrid: Alianza Editorial, 2005. Tradução de Seráfin Fanjul e Frederico Arbós.

IBN KHALDUN. Os prolegômenos ou filosofia social. São Paulo: Safady Ltda, 1958. Tomo primeiro. Instituto Brasileiro de Filosofia. Tradução e notas de José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury.

ISGOROGOTA, J. Opinião da imprensa. Página literária de “A Gazeta”, 1959. In: IBN KHALDUN. Os prolegômenos ou filosofia social. São Paulo: Safady Ltda, 1958. Tomo primeiro. Instituto Brasileiro de Filosofia. Tradução e notas de José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury.

LOPES, J.N.D; MARANDOLA JR, E.D. “Os prolegômenos” de Ibn Khaldun: uma leitura fenomenológica-hermenêutica. XXIX Congresso de iniciação científica da UNICAMP. Campinas. 2021. Disponível em: <<https://prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P18889A36399O102.pdf>>. Acesso em: 07 de setembro de 2025.

MACHADO, A.R.; LINHARES, C. A viagem e o conhecimento, valores de um oriente “desconhecido”. XIII Encontro Estadual de História da Anpuh-PE - história e mídias: narrativas em disputas. Anais. 2020. Disponível em: <<https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1593696309>>. Acesso em: 25 de setembro de 2022.

MUHAMMAD AL-IDRISI ERA UM CARTÓGRAFO, GEÓGRAFO, VIAJANTE E EGITÓLOGO MUÇULMANO. Celeb-True, 2022. Disponível em: <<https://pt.celeb-true.com/muhammad-al-idrisi-muslim-cartographer-geographer-traveler-egyptologist>>. Acesso em: 04 de jul. 2022.

NORDMAN, D. Commentaire de l'oeuvre de Ross E. Dunn, The Adventures of Ibn Battuta - A Muslim Traveler of the 14th Century, 1986. In: Annales. Économies, Sociétés, Civilisations, v. 43, nº 6, p. 1368-1370, 1988.

RODRÍGUEZ, F.; BARRIOS, I.; FUENTES, M. T. Introducción a la metodología de la investigación histórica. La Habana: Editora Política, 1984.

RONAN, C. A. História ilustrada da ciência: Oriente, Roma e Idade Média. Vol 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SENKO, E. C. A trajetória de um historiador medieval islâmico através de sua narrativa autobiográfica: os desafios de Ibn Khaldun (1332-1406). História, imagem e narrativas, n. 12, abril, 2011. Disponível em: <<https://ibeipr.com.br/wp-content/uploads/2018/02/ibnkhaldun.pdf>>. Acesso em: 04 de julho de 2022.

SENKO, E. C. Ibn-Khaldun (1332-1406) e um olhar muçulmano sobre a Península Ibérica. Vernáculo, v. 1, n. 24, 2009. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20863>>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

SENKO, E. C. O passado e o futuro assemelham-se como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da história de Ibn Khaldun (1332- 1406). 2012. 208 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32372>>. Acesso em: 07 de setembro de 2025.

SILVA, B. R. V. M. Périplo do ouvir, ver e narrar: retórica, alteridade e representação do outro na Rihla de Ibn Battuta (1304-1377). 2015. 197 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24292>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022.

SOUZA, C. D. M. A cartografia de al-Idrisi na análise da interculturalidade islâmico-normanda na Sicília medieval (séc. XII). Brathair - revista de estudos celtas e germânicos, v. 15, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1086>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.